

Resenha de “Ele está fora de si. A linguagem popular do evangelho conforme Marcos”, de Francisco Benedito Leite

Moisés Olímpio-Ferreira

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-2965-2734>

Resumo: A presente resenha tem o objetivo de apresentar a obra recém-publicada *Ele está fora de si. A linguagem popular do Evangelho conforme Marcos*. Escrita por Francisco Benedito Leite, ela contém as pesquisas do autor em seu doutoramento, defendido em 2019. Apresentamos resumidamente os conteúdos dos quatro capítulos que a compõem, destacando o seu caráter nitidamente interdisciplinar, porquanto se propõe a análise do gênero discursivo evangelho a partir da confluência fronteira de diversas abordagens epistemológicas, sob o pressuposto de que o discurso religioso excede a qualquer atividade analítica dos campos em suas especificidades.

Palavras-chave: Apreensão simbólica da realidade. Teorias do Discurso. Discurso religioso. Gênero discursivo evangelho. Evangelho de Marcos.

Abstract: This review aims to present the recently published work *Ele está fora de si. A linguagem popular do Evangelho conforme Marcos*. Written by Francisco Benedito Leite, it contains the author's PhD research, defended in 2019. We present a summary of its four chapters, highlighting their clearly interdisciplinary character, since an analysis of the gospel discursive genre is proposed, based on the confluence of various epistemological approaches, subject to the assumption that religious discourse goes beyond any analytical activity of the fields in their specificities.

Keywords: Symbolic apprehension of reality. Discourse theories. Religious discourse. Gospel discursive genre. Mark's gospel.

LEITE, Francisco Benedito. **Ele está fora de si**. A linguagem popular do evangelho conforme Marcos. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

Francisco Benedito Leite já é responsável por significativas pesquisas acadêmicas, sobretudo nos domínios da Teologia, das Ciências da Religião e dos estudos discursivos a partir da perspectiva bakhtiniana. A sua formação polivalente, que transita da endogenia dogmática da Teologia Bíblica à multidisciplinaridade não reducionista das Ciências da Religião e às Letras (Grego-Português), revela-se claramente na análise do fenômeno religioso em cada uma das partes que compõe a obra aqui apresentada: *Ele está fora de si. A linguagem popular do Evangelho conforme Marcos*, publicada em 2020, pela Editora Recriar, 351p., resultante das pesquisas de doutoramento de seu autor. Dividido em quatro grandes capítulos, com abundância de dados consistente e amplamente fundamentados, o livro apresenta uma proposta plausível de leitura de *Marcos*, um dos sinóticos neotestamentários.

Trata-se de trabalho cujo princípio é claramente interdisciplinar, já que se move por entre diversos conceitos e metodologias de distintos campos do saber (Filosofia, Filologia, Crítica Literária, Teorias do discurso, Teorias retórico-argumentativas, Teologia, História, Antropologia, Narratologia, entre outros), a fim de fundamentar o estudo do discurso religioso, situado nas fronteiras das diferentes disciplinas das Ciências Humanas. É por essa razão que a obra se pauta em um volume expressivo de autores, como Cassirer, Flusser, Auerbach, Frye, Bakhtin e seu Círculo, entre muitos outros presentes na vasta bibliografia de que se serve, com os quais ela dialoga, com embates e convergências.

No primeiro capítulo, discute-se a realidade do texto e a legitimidade da religião como forma simbólica. Assim, por um lado, o texto é considerado como realidade-limite, na medida em que ele por si mesmo é revelador e organizador do mundo, é autossuficiente para simbolizar a realidade de forma verossímil, é o lugar da representação simbólica da realidade imediata; e, por outro, a partir da Antropologia Filosófica de Ernst Cassirer (2004, 2012) associada às posteriores pesquisas de Vilém Flusser (2015) e de Eleazar Meletínski (1987), concebe-se o discurso religioso, em suas especificidades, como capaz de construir simbolicamente uma realidade possível. Encontramos, ainda, as possíveis relações diretas e indiretas que essas teorias mantêm com as diferentes correntes das Ciências da Linguagem, mais especificamente com a Filologia Humanística de Erich Auerbach (2007, 2011), com a Crítica Literária de

Northrop Frye (1973, 1996), com a Filosofia da Linguagem a partir das teorias do discurso do Círculo de Bakhtin e com as Teorias Retóricas e Neoretóricas da Argumentação; o ponto de convergência dessas linhas teóricas está na admissão do texto como realidade imediata, em leitura discursiva sincrônica.

Segundo a Filosofia das Formas Simbólicas do neokantista Cassirer (2012), a linguagem, a religião, o mito, a arte e a ciência são formas simbólicas apriorísticas de compreensão, interpretação, articulação, organização, sintetização e universalização da experiência da realidade em seus vários modos de objetivação/autorrevelação, em que os signos e os símbolos assumem o papel de intermediador das distintas maneiras de expressão da relação homem-realidade. É nítido, portanto, que essa perspectiva epistemológica se contrapõe tanto às metodologias literalistas do fundamentalismo bíblico quanto aos procedimentos da exegese histórico-crítica.

Pela linguagem, compreendida como forma simbólica privilegiada, é possível estabelecer a análise do discurso religioso a partir da estrutura e da forma textual em que se apresenta, sem dependência de alguma realidade externa empírica: as formas simbólicas, portadoras e mantenedoras de cultura, afastam o homem – *animal symbolicum* – da realidade, já que, empenhadas contra a natureza (FLUSSER, 2015) e fazendo a realidade física recuar na medida em que a natureza simbólica avança (CASSIRER, 2012), assumem, pelo ato comunicativo em suas redes sógnicas e simbólicas, a função de intermediação nessa relação homem-realidade.

Conceber o texto no estatuto de realidade imediata, sem negar a realidade primária que descreve, é assumir que ele é o único acesso disponível e plausível ao mundo, é reconhecer que a realidade “por detrás do texto” é inacessível pelo total desconhecimento dos códigos estruturais de que se serviu o autor (LOTMAN, 2010). Nesse sentido, o discurso religioso, nem mais nem menos, nem superior nem inferior a outros, é concebido como um dos modos possíveis de construir a realidade, cuja trama peculiar e autônoma só pode ser compreendida em sua própria construção simbólica.

Como se define o discurso religioso? A religião é, segundo Cassirer, uma “lógica do absurdo” (2012, p. 21) fora do espírito geométrico e, portanto, interligada à própria condição contraditória do homem. O discurso religioso, por conseguinte, é forma simbólica com lógica própria, que se serve centralmente das linguagens em universo discursivo particular, capaz de modelar, a seu modo, a realidade empírica inatingível, distanciada do cientificismo, da lógica matemática, da razão demonstrativa, das perspectivas sociológicas baseadas em saberes positivistas e da endogenia da teologia da revelação; é *lógica do absurdo* (*credo quia absurdum*) porque ele não está coibido pelos limites da razão e da lógica categorial, de maneira que as suas narrativas podem

ser tratadas como *ficcionais*, no sentido de que assumem a responsabilidade de transferência, de serem corpos passantes do real, mais próximas dos elementos míticos do que dos científicos, porquanto são insubmissas à análise lógica e, portanto, relativizadoras da verdade, ainda que sejam mais racionais do que os discursos míticos. São estes os princípios em que Leite (2020) se fundamenta para definir e analisar o discurso religioso: é forma simbólica autônoma e antinômica da realidade; é realidade imediata sem a intervenção das instituições histórico-sociais; é *lógica do absurdo*, pois se concretiza em narrativas ficcionais numa relação indissolúvel com a forma simbólica próxima ou mesmo idêntica à do mito.

Partindo do Formalismo Russo, do *New Criticism* anglo-americano, do Estruturalismo francês, da Semiótica e das diversas influências no século XX, Leite chega ao cerne teórico de sua exposição: o fim da hegemonia do historicismo, que almejava a verdade histórica e a comprovação científica. Noutros termos, a perspectiva histórica das Ciências Humanas dá lugar à perspectiva estrutural/formalista, que influenciou diretamente a Filosofia das Formas Simbólicas de Cassirer e que, por sua vez, segundo Leite, fundamenta uma perspectiva ampla da ciência contemporânea em que se inserem o Círculo de Bakhtin, Auerbach, Frye e as Novas Retóricas.

Na esteira de Veyne (2014) e Croatto (1986), sem negar o valor da História, Leite se opõe ao historicismo da tradicional escola exegética germânica, que não só apagava a distância entre a realidade dada e os eventos simbolizados na narração, mas também, pelo afastamento espaço-temporal dos leitores em relação à origem do texto, criava hipóteses históricas permanentemente contestáveis, ou menos razoáveis do que o próprio texto admite. De fato, não se trata de rejeitar a Historiografia, mas as conjecturas sobre etapas obscuras e inacessíveis do texto.

Nesse sentido, defende-se que as reconstruções linguística, filológica, histórico-social do contexto de produção não dão conta de desvendar o código textual e, portanto, não são capazes de revelar o seu sentido subjacente. Na linha das pesquisas de Auerbach, Leite conclui que “não é a história que ilumina o texto através de sua reconstrução”, de modo que o ponto de chegada “não é a própria história, mas sim uma paisagem e, por que não dizer, uma representação da história?” (2020, p. 65). Para o estudo do *Evangelho conforme Marcos*, interessa ainda a concepção figural de história em Auerbach, para quem a *figura* não só é a prefiguração literal de evento histórico, mas também é evento escatológico, remetendo à ideia da *lógica do absurdo*, já que se configura em motivos pré-lógicos.

Do Círculo de Bakhtin, Leite (2020) se serve do conceito de cronotopo, que se baseia em categorias pré-lógicas de tempo e de espaço. Essas categorias são

referências indispensáveis para Cassirer (2012), já que toda realidade está nelas contida, sem que isso implique uniformidade no modo de representação, tendo em vista que o homem tanto se orienta por espaços simbólicos situados para além do ambiente concreto, quanto por tempos não limitados ao mero cumprimento do ciclo de vida ou à realização do presente. Desse modo, ao tempo e ao espaço são outorgados sentidos de acordo com as formas simbólicas em que se situam, de maneira que são concebidos no discurso religioso de acordo com as especificidades das formas, segundo a sua lógica interna, de acordo com o tempo e espaço do sagrado.

Outra linha de pesquisa em que *Ele está fora si* (2020) se alicerça é a do crítico literário canadense Northrop Frye (1973, 1996). Mais especificamente quanto aos textos bíblicos, a obra *El Gran Código* (1996) aponta para uma proposta de estudos centrada no ponto de vista crítico-literário e mesmo no simbolismo disposto na cultura, desconectada do historicismo e da dogmática. Leite faz convergir os estudos freyanos para os conceitos de *diálogo*, *formalismo* e *lógica do absurdo* em Cassirer.

Os pressupostos das Retóricas sofística e aristotélica e das Neoretóricas também amparam *Ele está fora de si* (2020). Sem dogmatização da verdade, o homem passa a ser a medida de todas as coisas, isto é, “o homem por seus meios intelectuais define a realidade e conseqüentemente determina o que é verdade” (p. 79). Além disso, a compreensão da retórica aristotélica se baseia no que é plausível, verossimilhante, contingente, o que nega à Retórica o papel de encontrar a certeza e a verdade absolutas; trata-se de arte que lida com o conflituoso, segundo valores variáveis. Por sua vez, o *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*, de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, com primeira edição em 1958, retoma e renova o vigor da tradição retórica aristotélica, adotando um ponto de vista sociológico pluralista. Michel Meyer (1991), que avança as pesquisas perelmanianas, define a Retórica como diálogo, como negociação das diferenças, o que a interliga às perspectivas dialógicas da linguagem. Numa linha diferente, há ainda a perspectiva retórica de viés estruturalista, com ênfase nos tropos, representada pelos componentes da equipe interdisciplinar de linguistas e semioticistas do Grupo μ (cf. DUBOIS *et alii*, 1974, 1980). De fato, a religião e o seu discurso são objetos inerentes à esfera das retóricas, já que apresentam concepção relativizada quanto à realidade empírica, desconectada do historicismo; além disso, por se encontrarem no domínio do polêmico, buscam oferecer, movidos pelo diálogo, uma verdade entre outras, plausivelmente convincente.

O segundo capítulo apresenta a.) um histórico do surgimento e do desenvolvimento da exegese histórico-crítica adotada pela Teologia Liberal, que teve o seu ápice no início do século XX e declínio no mundo pós Grandes Guerras; b.) a

perspectiva historicista da Teologia Liberal alemã, c.) a história das formas em seu estágio seminal e d.) a história das formas dos evangelhos.

O método histórico-crítico é a combinação de procedimentos filológicos, históricos e literários, aplicado com rigor científico aos estudos dos textos da Bíblia, com vistas a encontrar a verdade objetiva dos fatos narrados, outrora adotado tanto por alas católicas quanto por teólogos protestantes liberais. Contra esse método, ergueu-se o fundamentalismo teológico estadunidense, surgido no início do século XX, que defendeu uma teologia protestante ortodoxa confessional que ratificava o pensamento do período pré-iluminista (Catecismo de Westminster). Esse embate de ambos os polos metodológicos de leitura se deu, no fundo, quanto à historicidade: de um lado, a desconstrução das narrativas implausíveis, servindo-se de técnicas especializadas, à busca das histórias verídicas e factuais subjacentes ao texto; por outro lado, a defesa de um ponto de vista historicista literal do conteúdo, dogmático e baseado em crença inquestionável nos fatos narrados, a despeito das implausibilidades.

O liberalismo teológico, nascido em alas protestantes (com adesão posterior dos católicos), produto da aplicação na teologia cristã da filosofia idealista alemã, foi propulsor do método histórico-crítico nos séculos XIX e XX. O liberalismo baseava-se no empirismo da existência humana e em ferramental – dito científico – calcado, sobretudo, no historicismo da filosofia da história de Hegel (BAUR, 2016). Nesse afã, a Teologia Bíblica buscava a essência do Cristianismo por meio de “uma ciência puramente histórica” (BAUR, 2016, p. 63), por “uma concepção plena de história” (p. 70).

Integrou-se também aos muitos procedimentos da exegese histórico-crítica, a história das formas, cujo objetivo era alcançar a pré-história do texto escrito. Partia-se da pressuposição de que os textos já circulavam de antemão, ainda que na forma oral, cabendo ao analista encontrar a relação entre a tradição oral preexistente e a posterior formação literária; esse procedimento fez franca oposição à ideia de que as fontes tivessem sido textos escritos mais antigos (crítica das fontes). Além da pré-história oral, outro conceito relevante da história das formas foi o de que os textos bíblicos deveriam ser classificados como literatura popular, já que não seguem fruições estéticas e padrões estilísticos que os associem à literatura mundial (*Weltliteratur*).

A teologia bíblica liberal, ao lado de seu ideal historicista, adota efetivamente os pressupostos da história das formas, defendendo que os evangelhos eram uma compilação de breves unidades orais individuais e primitivas, discursivas e narrativas, sem enquadramentos de enredos, posteriormente costuradas umas às outras por um

redator. Para o *Evangelho conforme Marcos*, supôs-se uma fonte de ditos sem enredo prévio (Fonte Q) e o papel de que teria sido a fonte de *Mateus* e *Lucas*. Outras hipóteses aventadas com ímpeto historicista relacionavam-se à existência de um *Protoevangelho de Marcos* (*Urmarkus*) e de um *Deuteromarkus*, todas sem nenhuma comprovação, o que, ao lado das desencontradas especificações sobre o lugar e a data de sua produção – além das muitas questões autorais –, certamente contribuiu para a derrocada dessa perspectiva.

Com isso, autores como Johannes Weiss (1971) e Albert Schweitzer (2003), por um lado, e William Wrede (1971), Karl Schmidt (1969, 2002), Martin Dibelius (1971) e Rudolf Bultmann (1999, 2000, 2001, 2005, 2008a, 2008b, 2015) por outro, desempenharam relevante papel para o processo de declínio do liberalismo teológico. Em todos eles, a seu modo, a ideia da validade da reconstrução histórica da vida biográfica de Jesus nos evangelhos, por exemplo, não passava de ilusão, de implausibilidade, de hipóteses e presunções com roupagem historicista e científica, de idealismos éticos europeus anacrônicos, justamente porque os evangelhos não são senão recompilações de testemunhos de pessoas do povo, que circulavam em versões orais, posteriormente emolduradas em enredo precário, o que a teologia liberal já defendia, mas aprisionada ao elemento histórico por influência do idealismo alemão.

Mais recentemente, os trabalhos de Klaus Berger (1998), ainda fundamentados na história das formas, classificaram as perícopes do *Novo Testamento* – em categórico detrimento das formas orais pré-literárias – em gêneros literários a partir de sua forma escrita final. Pautado nos gêneros biográficos do mundo greco-romano, em clara oposição a Bultmann e com finalidades apologéticas, Berger busca dar credibilidade às narrativas por meio da ênfase nos aspectos históricos. Leite (2020), na contramão, apresenta suas críticas a essa perspectiva: a.) é apologética (é perspectiva engajada que interfere nos resultados); b.) desconsidera a relevância da conexão que os gêneros mantêm com a oralidade (ponto essencial da história das formas); c.) apresenta uma catalogação de gêneros literários que não passa de uma retórica restrita, sem muita utilidade exegética.

Desconectada de pesquisas relacionadas às formas literárias de perspectivas confessionais e com foco na realidade histórica subjacente ao texto, utilizando ferramentas das Ciências Sociais, da Historiografia moderna e da Arqueologia, encontramos ainda os estudos histórico-sociológicos produzidos por John Dominic Crossan (1991, 1994, 1996, 2001) e Gerd Theissen (2000): pela reconstrução do mundo bíblico, busca-se o fato histórico – a realidade propriamente dita –,

independentemente do que conste na narrativa. Divergindo do método, Leite (2020) aponta o seu maior problema:

[...] quando esses estudiosos chegam aos resultados finais de suas pesquisas, há uma nova narrativa hipotética sobreposta à que está registrada no texto provindo do mundo antigo [...]; ao invés de se chegar a uma verdade objetiva sobre uma determinada narrativa, como era seu objetivo inicial, ocorre a criação de um novo texto, uma nova ficção, que em vista da primeira que está no registro evangelho, padece de originalidade, porquanto nenhuma das duas é a verdade objetiva (p. 167).

O terceiro capítulo trata da linguagem popular de Marcos. Se, por um lado, os gêneros retóricos visam à persuasão; por outro lado, os poéticos visam à imitação; ambos os tipos, em todas as suas manifestações genéricas, eram compostos com características adaptadas para cada situação e intenção. Nesse contexto, o gênero híbrido evangelho (FRYE, 1973, p. 219) – nem retórico, nem poético –, evidentemente foi considerado espúrio, tendo em vista a sua natureza (forma, conteúdo, intenções...) distante de todos os gêneros literários conhecidos – e, portanto, inadequada aos padrões estéticos convencionados – e implausível ao homem de cultura: gênero sério demais para a comédia, quotidiano demais para a tragédia e politicamente insignificante para a historiografia (AUERBACH, 2011); é o que Auerbach (2007) denomina *humilis* e que a velha retórica classificou como *genus humilis*, isto é, “opiniões partidárias, que representam assuntos sem importância (de reduzido interesse para a sociedade)” (LAUSBERG, 2011, p. 90).

Tratava-se, assim, de um gênero baixo, sem intenções artísticas, digno de riso, como é o caso do *Evangelho de Marcos*, repleto de marcas de oralidade, de hibridismos linguísticos (hebraísmos, aramaísmos, latinismos), com períodos truncados, com sintaxe paratática e com a abominável – segundo os padrões da alta literatura da época – alternância entre narração e discurso direto (própria apenas à sátira), totalmente destoante de qualquer outro registro literário reconhecido. Leite valoriza essas características no gênero a partir do conceito bakhtiniano de plurivocidade, em que vozes de outros se manifestam no discurso, o que é natural aos evangelhos se se partir da ideia de que eles são produto da recompilação de discursos orais, inerentemente heterogêneos.

O estruturalista canadense Frye (1996), estudando a Bíblia em sua estrutura interna, sincrônica, ficcional, observou os efeitos da prosa popular. A estrutura paratática da sintaxe do *Novo Testamento*, Frye relaciona-a com a tradição oral em que os períodos oracionais são unidades linguísticas em forma retórica especial, o *kerygma*, que não é artístico, nem estritamente racional: trata-se de conteúdo paradoxal e

fundamentalmente heterogêneo, próprio ao *genus humilis*, que pode ser estudado como literatura, mas não só. Parafraseando Frye, Leite diz: “a Bíblia é literatura se for examinada como tal por um crítico literário, mas certamente excede as limitações do que conhecemos por literatura, devido a seu aspecto religioso” (2020, p. 188).

Outro elemento que associa a ideia de ficcionalidade ao evangelho é a presença da literatura apocalíptica judaica, “mais próxima da natureza do mito” (COLLINS, 2010, p. 39), que, segundo Leite (2020), ainda que “o evangelho não seja apocalipse [...] não é possível ignorar a influência da apocalíptica judaica como visão de mundo para qualquer porção do Novo Testamento” (p. 235). Esse modo interpretativo vai à contramão de todos os métodos da Historiografia, da Retórica e da Poética clássicas. Para Leite (2020), a chave de interpretação “[...] está na compreensão de sua ‘linguagem’ em relação com a estrutura do mito e do folclore narrativo [...]” (p. 236). Considerando que a apocalíptica judaica é essencialmente irônica, já que os bons e perfeitos planos de Deus coexistem com todos os fenômenos existenciais que indicam justamente a direção contrária (a história de Israel está marcada, sobretudo, por repetidas derrotas diante dos grandes impérios antigos), restou aos judeus apenas a esperança escatológica-apocalíptica: o futuro reino de Deus. Em *Marcos*, essa expectativa convive com a atuação permanente do mal, com a presença de “espíritos imundos” trazidos da literatura apócrifa (*I Enoque*), o que faz remissão ao grotesco bakhtiniano. É dessa literatura essencialmente carnalizada “[...] que emanam as principais características de inversão e travestimento que se incorporaram ao gênero evangelho, o qual, por ter sido escrito em língua grega, durante muito tempo foi relacionado unilateralmente com os gêneros helenísticos e não com os judaicos.” (LEITE, 2020, p. 240).

Essas condições abrem caminho para a utilização dos pressupostos bakhtinianos que reforçam a ideia da “distância entre língua e realidade” (BAKHTIN, 2010, p. 378), o que vai ao encontro do simbolismo das narrativas dos evangelhos, tanto em relação ao espaço, ao tempo, às personagens (estereotipadas, não raramente com individualidade permeável ou sem autonomia, com fluidez de identidade) e aos eventos. Nesse sentido, a descrição da vida de Jesus é “a decomposição do mito nacional” (BAKHTIN, 2010, p. 382), em que o herói semítico veterotestamentário da religião oficial é atualizado e decomposto em narrativas, em gênero baixo, em linguagem popular, marginal à oficialidade, que tratam de um herói nada épico: exaltado-humilhado, coroado-destronado e morto (*Marcos 15.16-20*), elaboradas em contextos irônico-cômico-parodizantes, repletos de pessoas vis, doentes, de condição social desprezível, marginalizadas.

Os conceitos de carnavalização e de gêneros sério-cômicos de Bakhtin, que estão na origem da palavra romanesca – em que o riso, pelo rompimento da lógica oficial, tem caráter prontamente subversivo, porquanto cria um efeito espacial e temporal de abolição da desigualdade e da hierarquia na cultura popular – somam-se nesta proposta de leitura do *Evangelho conforme Marcos*. As diversas condições de concretização da ideia mítica de carnaval (LEITE, 2018) proposta por Bakhtin estão inegavelmente presentes no discurso da obra:

[...] a baixeza do gênero, a baixeza do herói e dos demais personagens, a associação do gênero aos marginalizados, a sintaxe paratática, a inconclusibilidade, o riso, o plurilinguismo, a heterovocidade, a heteroglossia, o elemento fortemente retórico (oral), o distanciamento entre língua e realidade, a manifestação da morte dos antigos mitos nacionais, a paródia, a ironia, a ambivalência e a ambiguidade e a palavra indireta; todos esses são elementos que compõem o evangelho (LEITE, 2020, p. 233).

Outra importante relação a que *Ele está fora de si* (2020) dá destaque é a aproximação que Bakhtin, Auerbach e Frye fizeram entre a sátira menipeia – de caráter provocador, subversivo e denunciador, de ironia militante (FRYE, 1973), veiculadora da cosmovisão carnavalizada e, portanto, livre da unilateralidade oficial e dogmática (BAKHTIN, 2010), de certa forma modelar para os gêneros baixos – e o gênero híbrido evangelho. Leite aborda as características fundamentais desse tipo de sátira a partir de textos produzidos no gênero, apontando o quanto delas está presente em *Marcos* (LEITE, 2020, p. 210-215).

Ponto chave na interpretação de *Marcos* é também o reconhecimento de sua dialogicidade. Não só há remissões ao *Antigo Testamento* – já na forma traduzida do hebraico/aramaico para o grego –, mas também às reflexões rabínicas da tradição oral sobre a *Torah* (a *Mishnah*), à apocalíptica judaica (influenciada pela antiga tradição do misticismo da *merkabah*), sem contar, ainda, as intervenções posteriores dos muitos redatores na compilação dos registros textuais, como apontam as inúmeras variantes na edição crítica do *Novum Testamentum Graece* (2013).

No quarto e último capítulo, *Ele está fora de si* (2020) apresenta a unidade literária de *Marcos*. Apesar de todas as problemáticas em torno da costura do enredo, o evangelho constitui-se em narrativa com começo, meio e fim, estruturada por quiasmos ou estruturas sanduíches, por geografia motivada – a serviço do simbolismo literário – e por prolepses e analepses.

Para reforçar a sua proposta de leitura, admitido o texto como “universo fechado em si mesmo” (SKA, 2011, p. 125), com foco nas metodologias que se fixam no mundo da narração, Leite (2020) ampara-se no princípio da “criação literária” em detrimento da ideia

de “realidade”. A proposta de Leite (2020) é ler *Marcos* como representação discursiva que plasma – em forma simbólica, ficcional – o fenômeno religioso do século I.

Sob essa perspectiva teórica em franca interdisciplinaridade, encontramos o estudo da perícopa de *Marcos* 3.20-35. É nele que Leite (2020) estuda o discurso religioso em suas diversas perspectivas: o gênero, as estratégias argumentativas, as características do narrador e da audiência, o fenômeno da carnavalização, a dialogicidade, a lógica do absurdo, pautado na ideia central de sua tese: a exegese não pode se pautar na concretude histórica por detrás da narrativa, mas no texto como realidade imediata de caráter ficcional.

A leitura de *Ele está fora de si* (2020) não nos impõe um método definitivo, nem estabelece uma única interpretação, porquanto reconhece que a apreensão simbólica da realidade não é delimitável. De fato, Leite põe em nossas mãos um trabalho de fôlego, de leitura densa, que se arrisca na confluência fronteiriça das diversas abordagens epistemológicas de que se serve para a construção de suas muitas reflexões, que fundamentam o seu procedimento de leitura do *Evangelho conforme Marcos*, que “é a manifestação da resistência simbólica dos primeiros cristãos que eram rejeitados pela própria família, pelas classes educadas e pelas instituições religiosas oficiais” (LEITE, 2020, p. 319).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Jaime Bruna. 7. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- AUERBACH, Erich. **Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011 (Coleção Estudos, 2).
- AUERBACH, Erich. **Ensaios de literatura ocidental**. Tradução: Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BAUR, Ferdinand Christian. **Lectures on New Testament Theology**. Translated by Robert F. Brown. Oxford: University Press, 2016.
- BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. Tradução: Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Edições Loyola, 1998 (Coleção Bíblica Loyola, 23).
- BULTMANN, Rudolf. **Milagre: princípios de interpretação do Novo Testamento**. Tradução: Daniel Costa. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- BULTMANN, Rudolf. **Jesus Cristo e mitologia**. Tradução: Daniel Costa. 4. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2008a.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2008b.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Teológicas, 2005.

BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender: ensaios selecionados**. Tradução: Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. Edição revista e ampliada. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

BULTMANN, Rudolf. **Historia de la tradición sinóptica**. Traducción Constantino Ruiz-Garrido. Salamanca: Sígueme, 2000.

BULTMANN, Rudolf. **Demitologização: coletânea de ensaios**. Tradução: Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução: Tomás Rosa Bueno. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. (Biblioteca do Pensamento Moderno).

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas II – O pensamento mítico**. Tradução: Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Tópicos).

COLLINS, John J. **A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica**. Tradução: Carlos Guilherme Magajewski. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Academia Bíblica).

CROATTO, José Severino. **Hermenêutica bíblica**. Estudos bíblicos teológicos AT e NT 5. Tradução: Haroldo Reimer. São Paulo/São Leopoldo: Edições Paulinas/Sinodal, 1986.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Excavating Jesus: Beneath the Stones, Behind the texts**. New York: HarperCollins Publishers, 2001.

CROSSAN, John Dominic; WATTS, Richard G. **Who is Jesus? Answers to your questions about the historical Jesus**. New York: HarperCollins Publishers, 1996.

CROSSAN, John Dominic. **Jesus: A Revolutionary Biography**. New York: HarperCollins Publishers, 1994.

CROSSAN, John Dominic. **The Historical Jesus: The Life of a Mediterranean Jewish Peasant**. New York: HarperCollins Publishers, 1991.

DIBELIUS, Martin. **La historia de las formas evangélicas**. Traducción Juan Miguel Diaz Rodelas. Valencia: Institución San Jeronimo, 1971 (Clásicos de la Ciencia Bíblica II).

DUBOIS, Jean et alii. **Retórica da poesia: leitura linear – leitura tabular**. Tradução: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

DUBOIS, Jean et alii. **Retórica Geral**. Vários tradutores. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Col. Biblioteca Universal).

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia: Reflexões sobre o futuro**. Tradução: Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FRYE, Northrop. **El Gran Código: uma leitura mitológica y literária de la Bíblia**. Traducción: Elizabeth Casals. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Tradução: Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

GUNKEL, Hermann. **Introducción a los Salmos**. Traducción Juan Miguel Díaz Rodelas. Valencia: Edicep, 1993.

GUNKEL, Hermann. **The legends of Genesis: The biblical Saga and History**. Translated by W. H. Carruth. New York: Schocken Books, 1964.

LAUSBERG, Henrich. **Elementos de Retórica Literária**. Tradução: R. M. Rosado Fernandes. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2011.

LEITE, Francisco Benedito. O carnaval como mito. In: LEITE, Francisco Benedito; TELES, J. E. **Hermenêuticas do mito**. Curitiba: Editora Prismas, 2018. p. 13-34.

LOTMAN, Iuri. Sobre o problema da tipologia da cultura. Tradução: Aurora Lucy Seki. In: SCHNAIDERMAN, Bóris (org.). **Semiótica Russa**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 31-42 (Coleção Debates 162).

MELETÍNSKI, Eleazar. **A poética do mito**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MEYER, Michel. **A Problematologia**: filosofia, ciência e linguagem. Tradução: Sandra Fitas. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

NOVUM TESTAMENTUM GRAECE. Nestle-Aland. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**. A nova retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHMIDT, Karl Ludwig. **Der Rahmen Der Gestchichte Jesu**: Literarkritische Untersuchungen zur Ältesten Jesussüberlieferung. Darmstadt: Wissenschaft Lichen Buchgesellschaft, 1969.

SCHMIDT, Karl Ludwig. **The place of the gospels in the general history of literature**. Translated by Byron R. McCane. Columbia: South Caroline Press, 2002.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**: um estudo crítico de seu progresso. De Reimarus a Wrede. Tradução: Wolfgang Fischer, Sérgio P. de Oliveira e Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003.

SKA, Jean Louis. Sincronia e análise narrativa. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio (org.). **Metodologia do Antigo Testamento**. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 123-148 (Coleção Bíblica Loyola, 28).

THEISSEN, Gerd. **Epílogo**. In: BULTMANN, Rudolf. **História de la tradición sinóptica**. Traducción Constantino Ruiz-Garrido. Salamanca: Síguene, 2000. p. 447-488.

VEYNE, Paul. **Acreditavam os gregos em seus mitos?** Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

WEISS, Johannes. **Jesus' proclamation of the kingdom of God**. Edited: Richard H. Hiers and David L. Holland. California: Scholars Press, 1971.

WREDE, William. **The Messianic Secret**. Translated: J. C. G. Greig. Cambridge and London: James Clarke & Co. Ltda., 1971.